

A BASÍLICA PALEOCRISTÃ / VISIGÓTICA DO MONTE DA CEGONHA (VIDIGUEIRA)

Rafael A.E. Alfenim* – Maria da Conceição Lopes**

INTRODUÇÃO

O sítio arqueológico do Monte da Cegonha, no qual se integra o monumento objecto desta comunicação, situa-se na freguesia de Selmes, concelho de Vidigueira, a cerca de treze quilómetros e meio a Nordeste da cidade de Beja. Aí encontramos vestígios de uma *villa* romana que se instalou no primeiro quartel do séc. I d.C. e que perdurou, com sucessivas alterações, até ao séc. XII.

O conjunto está implantado no sopé de uma encosta suave, num ponto bem drenado, junto a uma pequena linha de água de regime irregular, característico dos climas mediterrânicos, o Barranco do Pexém, que, um pouco mais adiante, se vai unir à Ribeira de S. Pedro e esta, por sua vez, à de Odearce.

A paisagem, marcada por um relevo de ondulado suave a esparguiçar-se nas lonjuras do horizonte, salpicada de um arvoredado disperso de oliveiras, azinheiras e sobreiros e de tufos serpenteantes de vegetação ribeirinha ao longo de vales pouco profundos, é aqui um pouco diferente da zona mais próxima de Beja, onde dominam a imensidão da planície e a ausência de vegetação arbórea.

A falta de águas superficiais nunca deve ter constituído obstáculo à fixação de populações na área, uma vez que esta carência foi certamente suprida pela abundância de recursos hídricos subterrâneos ainda patente na actualidade. Cremos mesmo, e a observação da paisagem e dos vestígios confirma-o, que o abastecimento da *villa*,

desde a sua fase mais antiga, se fez a partir de um poço ainda hoje existente algumas centenas de metros a Sudoeste do monumento. Daí, a água era conduzida por um pequeno aqueduto ao nível do solo até a um reservatório do qual encontramos vestígios em cota mais elevada, a Oeste, da mesma encosta e deste, por sua vez, chegava a um grande tanque muito próximo da *villa* que, além de reservatório para abastecimento dos banhos, podia também servir como *natatio*.

O substrato geológico é composto por micaxistos «...habitualmente muito dobrados, mostrando leitões micáceos alternando com outros mais ricos em quartzo..., cuja posição na coluna estratigráfica ainda não está perfeitamente determinada (Câmbrico Médio Ordovícico)...», numa zona de contacto com a mancha de granodiorito e quartzodiorito de S. Pedro,¹ que se inicia na outra margem do barranco e de onde é proveniente a maior parte da pedra utilizada na alvenaria da construção.

Em termos de solo, estamos na área dos chamados barros de Beja, com especiais aptidões agrícolas e pecuárias que, juntamente com os recursos aquíferos e algumas terras de menores aptidões mas, ainda assim cultiváveis devem ter constituído atractivo para a fixação das populações desde a Pré-História conforme é atestado pela presença de um dolmen nas imediações.² Estas condições terão feito com que a ocupação do sítio se tenha prolongado muito além da época romana, mantendo-se pela idade Média até ao final do período muçulmano, sucumbindo, ao fim de mais de um milénio de vida, com as perturbações da Reconquista.

* Arqueólogo da Direcção Regional de Évora do Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico.

** Assistente do Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

1. *Carta Geológica de Portugal, Notícia Explicativa da Folha 43 B, Moura, S.G.P.*, Lisboa, 1970, p. 20 e 23.

2. Herdade do Zambujal.

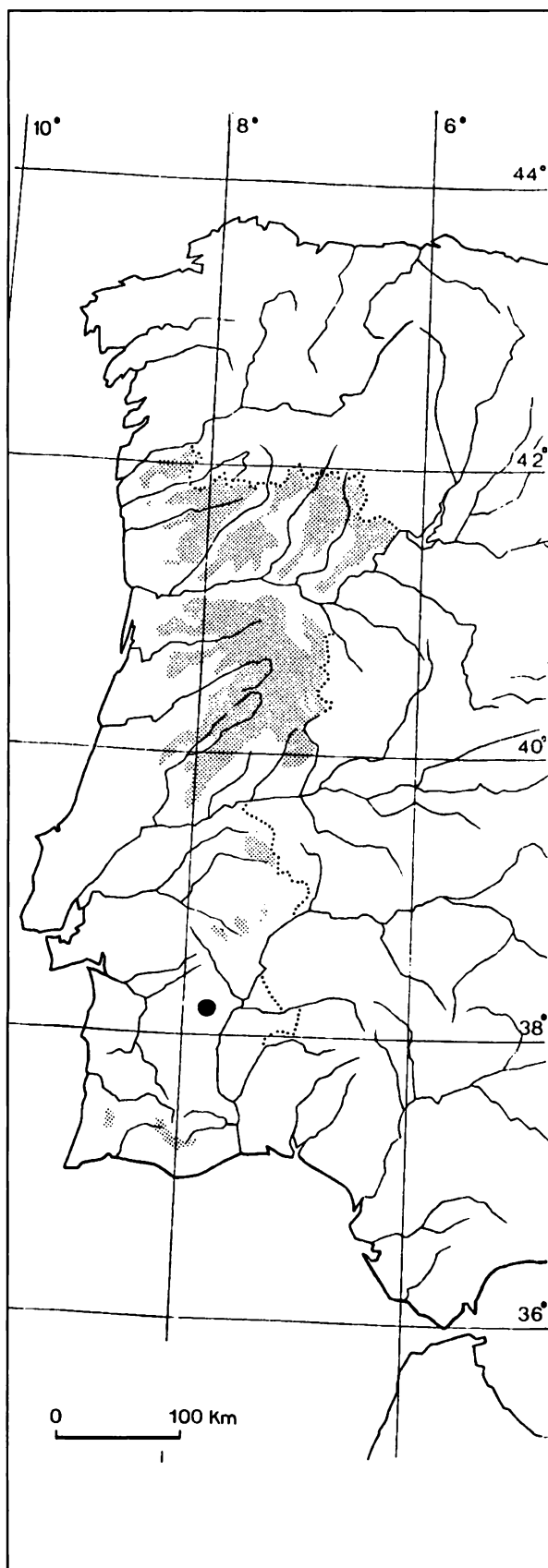


Figura I. Localização do Monte da Cegonha.

O SÍTIO ARQUEOLÓGICO DO MONTE DA CEGONHA

É no contexto natural que acabamos de descrever e no contexto histórico provável de instalação de colonos em torno de *Pax Julia*, que, na época de Augusto, se estabelece o que chamamos a primeira *villa*. A fase inicial da «nova vida» do sítio, apenas pode documentar-se pelo achado de materiais arqueológicos, sobretudo cerâmicos, em camadas que ficaram sob uma terraplanagem feita no séc. I d.C., depois de um incêndio documentado no sector Leste da *villa*, sobre a qual se instalam, então, os novos edifícios.

Da segunda fase, apenas conhecemos, com segurança, um edifício termal, do qual chegaram até nós vestígios de duas salas sobre hipocausto. As salas tiveram um curto período de utilização durante o qual cumpriram a função para que foram inicialmente destinadas. No início do séc. II, o hipocausto foi completamente entulhado e, no mesmo espaço, sobre o entulhamento, colocado um pavimento em *opus signinum* com meia cana, sugerindo uma utilização relacionada com a água. Manteve-se em funcionamento o grande tanque a Oeste, embora a sua descarga principal tenha sido entipada por esta construção, o que, por sua vez, prova a sua anterioridade.

O edifício não se limitaria a estas duas salas, mas, desta fase, foi o que subsistiu às grandes obras de reformulação total do espaço construído que tiveram lugar em época posterior que pensamos poder datar, com algumas reservas, de finais do séc. III ou, mais provavelmente, de inícios do séc. IV. Esta reconstrução aproveitou algumas das estruturas anteriores integrando-as ao nível das fundações e de parte dos muros, como é facilmente constatável no muro Oeste da basílica que integrou parte do muro Oeste da sala em abside das antigas termas. Este fenómeno, tão evidente no caso que acabamos de descrever, poder-se-á alargar às áreas contíguas da estação, embora a semelhança dos aparelhos, talvez ditada pelo reaproveitamento de materiais, não deixe grande espaço para uma leitura linear da «estratigrafia» da arquitectura.

O reaproveitamento de estruturas pré-existent não constitui caso isolado na região, com efeito, o mesmo se pode observar em S. Cucufate e certamente se verificará em muitos outros sítios.

Durante a ocupação romana tardia lançam-se os fundamentos do edifício que vai perdurar até ao início da Idade Média portuguesa nesta região. Instala-se uma *villa* de arquitectura inegavelmente

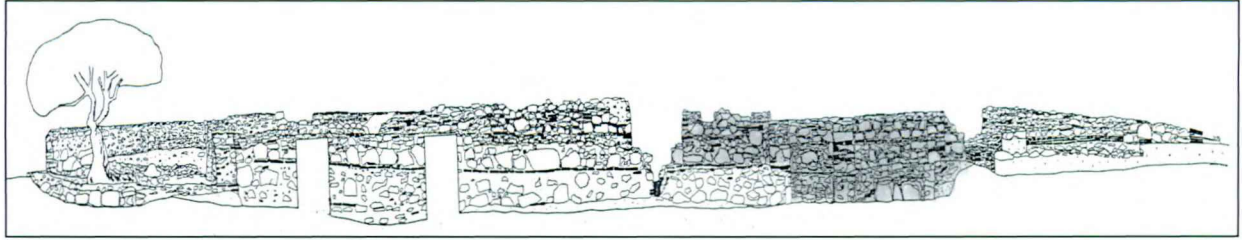


Figura III. Monte da Cegonha. Corte/alçado visto de Leste – Fachada leste da basílica.

tardia, com uma planta que se desenvolve longitudinalmente no sentido Norte-Sul, construindo uma fachada virada a Leste, sobre o barranco e outra, virada a Oeste, abrindo para o que pensamos ser um grande pátio murado. A Leste, um corredor corre grande parte da fachada, terminando, a Sul, por um compartimento em abside e estando ligado, perto do seu extremo Norte, a um outro corredor, orientado Este-Oeste, que separa as duas principais salas da estação e que, pelas suas dimensões, bastante aproximadas, repetindo-se simetricamente, parecem querer ditar um módulo para a construção, que se reproduz nas duas pequenas salas a Sul.

A Norte, parte da construção anterior parece ter sido poupada e talvez integrada no novo edifício. Uma das antigas salas sobre hipocausto manteve-se completamente e é a Norte desta que, no âmbito da mesmas obras, se vão construir umas novas termas, enquanto a sala em abside contígua foi cortada e parcialmente destruída para a instalação do novo edifício, sendo o seu muro Sul e parte da abside arrasados até ao nível necessário para o assentamento do novo pavimento. O muro Sul fomos encontrá-lo sob o pavimento da nave central da basílica e, a parte Sul da abside, sob o pavimento da abside da basílica. Esta basílica, que ocupa a grande sala a Norte do corredor Este-Oeste, deve ter sido concebida e construída conjuntamente com o novo edifício.

Esta estrutura constituiu o último grande momento construtivo da estação. Daí para diante vamos assistir à introdução de pequenas alterações, remodelações ou adaptações de espaços que não implicam mudanças fundamentais para a arquitectura do local. Em época visigótica a basílica sofre algumas remodelações que lhe dão a forma com que chegou até nós, mas não a alteram significativamente. Talvez na mesma época se tenha procedido a outras pequenas alterações e mesmo a alguns alargamentos, construindo alguns compartimentos adossados que poderão ter servido apenas para ampliação das instalações.

Se em período visigótico, conforme já referi-

mos, foram poucas as alterações à arquitectura do local, não será a ocupação muçulmana que virá introduzir grandes alterações a este panorama. Desta época pensamos poder datar mais alguns muros acrescentados que subdividem alguns compartimentos e, sem dúvida, o grande número de silos que surgem um pouco por todo o lado, perfurando pavimentos antigos e destruindo parcialmente alguns muros.

A análise da distribuição destas estruturas no espaço da estação transmite-nos a impressão de que, pelo menos no fim do período muçulmano, as únicas áreas que continuavam a ser ocupadas se restringiam à área da basílica e às salas que se seguiam a Norte, únicos sítios onde nunca foram escavados silos.

Se exceptuarmos uma moeda de D. Sancho I achada à superfície, no decurso da última campanha e que, para já, é um achado isolado, os materiais mais recentes encontrados em escavação são cerâmicas muçulmanas que cronologicamente podemos colocar no séc. XII, o que nos indica como ponto terminal da longa ocupação do local, a reconquista cristã daquela área do Sul do país.

A BASÍLICA

A planta

Uma pequena basílica de três naves com cabeceira tripartida recta, orientada Este-Oeste e com as medidas exteriores de 10,50 x 8,40 m. A nave central, com os seus 3 m de largura, é mais ampla que as laterais cuja largura é apenas metade daquela, ou seja 1,5 m. A Leste, tem ligação com a capela-mor de 2,50 x 2,35 m. As naves laterais ligam-se a duas sacristias ou *pastophorias*, do mesmo lado. A sacristia Norte mede 2,30 x 1,45 m e a Sul 2,40 x 1,45 m.

As três naves, repartidas por três tramos, estão divididas entre si por duas colunas alinhadas com duas pilastras, uma em cada um dos extremos. Das colunas, encontramos as bases na nave Norte *in situ* e as marcas do seu assentamento na nave Sul.

A passagem da nave central à abside era marcada por duas colunas adossadas às pilastras laterais dos muros de separação das três partes da cabeceira e pode ter estado fechada por uma cancela de pedra lavrada, da qual pensamos ter encontrado parte no decurso das limpezas do terreno anteriores à escavação. A base da coluna adossada a Norte, foi também encontrada *in situ*, enquanto a Sul, apenas se encontrou a marca do seu assentamento sobre o *opus signinum* do pavimento.

A separação entre os três compartimentos da cabeceira era feito por dois fortes muros rectos que terminam por uma espécie de pilares cruciformes, irregulares, que formam três pilastras, uma no alinhamento da colunata de separação das naves, a Oeste, outra no alinhamento que marca o acesso à abside, e a terceira no alinhamento que marca a porta de acesso das naves laterais às sacristias. Como se depreende do que acabamos de dizer, não havia passagem directa, pelo menos ao nível do solo, entre as três partes da cabeceira.

O pavimento da basílica foi constituído por um *opus signinum* grosseiro sobre uma camada de preparação com pequenas pedras e fragmentos de cerâmica de grandes dimensões ligados por argamassa de cal. Cobria toda a superfície das naves e

da cabeceira e apresentava-se ao mesmo nível em todas as áreas.

A localização do acesso ao interior é ainda problemática, uma vez que não se conservou qualquer evidência óbvia da existência de uma porta e os muros se conservam a um nível elevado relativamente ao pavimento, mas parece podermos considerar que o acesso se fazia por uma porta que dava passagem, através do muro Norte, ao último tramo a oeste da basílica, num sítio em que este se encontra destruído até ao chão. Nas mesmas condições, apenas se encontra o muro Leste de fecho da cabeceira e não é lógico considerar a existência de um acesso por este lado já que, nesse caso, ele se faria directamente para a abside ou para a sacristia Norte, além de que, por aí, o desnível entre o pavimento do templo e o exterior é considerável, atingindo perto de dois metros, e só poderia ser vencido pelo lançamento de uma escada exterior que, de acordo com a evidência arqueológica, nunca existiu.

A dimensão em altura que o monumento terá atingido a Leste, provocada pelo declive natural do solo, que desce de Poente para Nascente, implicou, com o objectivo de garantir a estabilidade do edifício, a contrafortagem do muro deste lado da



Foto 1. Vista aérea do Monte da Cegonha.



Foto 2. Basílica do Monte da Cegonha. Vista de Norte.

basílica por quatro contrafortes: dois, no ângulo Sudeste, na continuação dos muros Sul e Leste, um ligado ao muro Leste frente à abside e um quarto constituído pelo muro de fecho do corredor Norte-Sul, a Norte.

Numa fase tardia³ da vida do templo, foram entaipados os acessos às sacristias, senão completamente, pelo menos até à altura em que os muros se conservaram e que podemos observar. Provavelmente em simultâneo com esta remodelação, ter-se-á procedido ao fecho das naves laterais do primeiro tramo do lado da cabeceira, o que apenas se pdeu observar na nave Norte que foi fechada por um muro de muito má construção, composto de materiais reutilizados, fragmentos de tijolos e telhas e algumas pedras ligados por uma argamassa de terra muito pouco consistente. Os muros que fecharam as sacristias são igualmente ligados por argamassa de terra, mas têm um aspecto

mais sólido, contudo, deverão corresponder a um mesmo momento.

O baptistério

Na sacristia do lado da Epístola, a dada altura, instalou-se um baptistério constituído por aquilo a que poderemos chamar uma cuba monolítica em mármore branco, troncocónica. Esta peça parece ser um elemento reutilizado, talvez do bocal de um poço ou de uma cisterna e colocado ao invés. Com efeito, considerando a sua posição actual, a parte superior apresenta uma abertura circular inserida num quadrado e a base, ao contrário do que seria normal numa cuba, não é fechada, é apresenta, também ela, uma abertura circular que assenta sobre o *opus signinum* do pavimento que, com um acabamento mais cuidado na junta, pode ter conseguido a impermeabilidade necessária à contenção da água. Junto à base, um sulco no mármore (semelhante ao que poderia ter sido causado pela passagem continuada, ao longo do tempo, de uma corda), foi aproveitado para servir de descarga à pia ou piscina baptismal assim conseguida. A água que por aí saía era depois canalizada para o exterior por uma canalização improvisada de *imbrices*.

3. Este *tardio* é relativo à antiguidade que atribuímos à construção do templo. Para sermos mais claros: terá que ser posterior à última remodelação significativa daquele espaço e anterior ao período muçulmano, durante o qual não conseguimos determinar se o edifício manteve a sua função religiosa como templo cristão moçárabe ou se poderá ter sido transformado em templo islâmico, como aconteceu no exemplo de Milreu, já referido a outro propósito.



Foto 3. Basílica do Monte da Cegonha, Vista de Oeste.

O altar

Quando da limpeza do pavimento da abside, que se encontrava em estado irregular de conservação, foi detectado, a Sudeste, um buraco aproximadamente circular, revestido interiormente por pequenas pedras. Concluída essa limpeza, verificado o mau estado do pavimento, é-nos muito difícil afirmar a existência de outros buracos do mesmo tipo, embora quase os possamos adivinhar e seja perfeitamente admissível que tenham existido e que não os encontremos porque, nos sítios onde seria lógico que os encontrássemos, o pavimento estava em muito mau estado. Pensamos que este buraco pode corresponder ao local de implantação de um dos quatro ou cinco pés da mesa do altar. A reforçar esta ideia, encontramos o fragmento superior de um colunelo monolítico com capitel coríntio que pode ter sido um dos pés do altar. A justaposição do relicário ao buraco de assentamento do pé, ficando assim descentrado no espaço do chão da abside, poderá ser justificada pela existência de um quinto pé, ao centro, sob a mesa.

O relicário

Justaposto ao buraco que acabámos de referir, ligeiramente para Noroeste, estavam parcialmente à vista, sob o pavimento de *opus signinum*, três tijolos colocados ao alto, que sugeriam a existência de uma pequena estrutura. Levantado o que restava do pavimento nesta pequena área, verificou-se imediatamente a existência de um quarto tijolo que definia um espaço rectangular coberto por outro tijolo que se encontrava fragmentado e com abatimento central. Levantado este tijolo de cobertura, e limpa e fina camada de terra subjacente, ficou visível a parte superior de uma caixa em mármore cinzento com uma tampa do mesmo material, perfeitamente colocada no seu encaixe, nivelada com o topo das paredes da caixa. Era este o relicário que continha no seu interior um pequeno fragmento de chumbo com decorações gravadas e três medalhas em cerâmica, uma maior, de pasta branca e outras duas, mais pequenas, de pasta castanha-alaranjada escura. Encontravam-se fragmentadas, em muito mau estado de conservação. Este assunto, pela sua importância, será tratado em pormenor numa outra comunicação a apresentar a este encontro.

A necrópole

O corpo da basílica e o espaço imediato a Leste e a Oeste, foram ocupados por uma necrópole de inumação que começou por ser detectada nas áreas exteriores. As sepulturas escavadas até ao momento, à excepção do sarcófago em mármore branco encontrado na nave Sul, são todas constituídas por uma caixa construída com materiais reutilizados, pedra, tijolo e telhas. As coberturas são compostas por grandes blocos de pedra grosseiramente aparelhados na sua maioria e que foram propositalmente preparados para esse fim. Apenas os blocos que são provenientes de soleiras de porta ou de outros elementos de arquitectura reaproveitados, têm um aspecto mais regular. Nenhuma cobertura apresentava inscrição funerária que nos pudesse ajudar a situar a necrópole com precisão cronológica.

À excepção de duas sepulturas de crianças, uma no extremo Oeste da nave central e outra no extremo Leste da nave Sul, todas as que se localizaram no interior da basílica estavam cobertas pelo pavimento de *opus signinum* de que já falámos. Uma vez que o estado de conservação do pavimento, também aqui, era irregular, não foi possível verificar com toda a certeza se este se degradou ou se foi intencionalmente rompido para proceder às inumações infantis.

Todas as sepulturas foram utilizadas e reutilizadas várias vezes, conforme se prova pelos ossários acumulados, em regra, aos pés de cada uma. A última deposição testemunha um ritual de enterramento que implicava a colocação da cabeça a Oeste, olhando para Leste ou para Sul.

Como único espólio funerário, foi encontrado, em cada uma das sepulturas, um jarro trilobado em cerâmica comum, de pasta bege a castanha escura, muito grosseira. Em alguns casos, as superfícies exteriores foram acabadas por polimento e o vaso encontrado no sarcófago, não trilobado, de pasta esbranquiçada de qualidade ligeiramente superior aos outros, ostentava pinturas a vermelho constituídas por simples linhas onduladas.

A Basílica e a Arquitectura do Local

Como já ficou suficientemente exposto, a basílica encontra-se num ambiente rural, não muito longe de *Pax Julia*, nem de outros sítios com comprovada ocupação contemporânea em época visigótica e, hipoteticamente anterior, como Vera

Cruz de Marmelar, Marmelar e Beja. Neste contexto, que poderá testemunhar uma difusão relativamente antiga do cristianismo nesta região (admitindo que ele poderá ter sido introduzido em momento anterior e que estas são manifestações de um fenómeno já suficientemente afirmado para ser capaz de tais realizações), ficamos sem saber a que correspondem exactamente estes sítios tão conhecidos, mas tão pouco estudados. Tratar-se-á de basílicas enquadradas em *villae* romanas com sobrevivências tardias ou, pelo contrário, são fundações novas de época visigótica como terá acontecido, por exemplo, nos Mosteiros?⁴ Será que essas instalações sobre ocupações anteriores ou novas fundações não poderão ter pertencido a algum mosteiro como Caballero Zoreda e Ulbert⁵ admitem para as construções anexas de Casa Herrera? Questões como estas também se nos colocaram ao termos que avaliar as evidências do Monte da Cegonha.

E é considerando a história do local que nos permitimos pensar que, neste caso, estamos perante uma das chamadas igrejas rurais⁶ e, ainda assim, tendo em conta as reduzidas dimensões do monumento, tratar-se-ia, de facto, de uma *ecclesia parochiale* ou *diocesana*, ou muito simplesmente, de uma igreja própria, de fundação privada?⁷ A existência de um baptistério sugere uma função paroquial mas, como veremos mais adiante, o baptistério que conhecemos deve ter sido instalado apenas numa das últimas remodelações que aqui se efectuaram. Assim, parece-nos que a basílica esteve, desde o início, nos planos do proprietário da *villa*, que em algum momento do séc. IV, resolveu proceder à total renovação do seu edifício.

Este surgimento tão antigo de um fenómeno urbano em meio «pagano» não nos deve causar grande surpresa se admitirmos, como é normalmente admitido, e arqueologicamente comprovado, que, por finais do séc. III, inícios do séc. IV, os ricos proprietários fundiários que viviam nas cidades, se começaram a retirar para os campos,

4. Cf. ALFENIM, R. e LIMA, P., 1991. O Sítio dos Mosteiros, in *Actas da IV Reunião de Arqueologia Cristã Hispânica*, Lisboa.

5. CABALLERO ZOREDA, LUIS e ULBERT, THILO, 1975. La Basílica Paleocristiana de Casa Herrera en las Cercanías de Mérida (Badajoz), *EAE*, 89, Ministerio de Educación y Ciencia, Madrid, p. 70.

6. PUERTAS TRICAS, RAFAEL, 1975. *Iglesias Hispánicas (siglos IV al VIII)*, *Testimonios Literarios*, Ministerio de Educación y Ciencia, Madrid, p. 151.

7. *Ibidem*, p. 152.



Foto 4. Basílica do Monte da Cegonha, Vista de Oeste.

fugindo da onerosa obrigação da ocupação de cargos públicos, terão procedido a grandes remodelações das suas «casas de campo» para aí se instalarem com carácter de maior permanência. Além de que, já o Concílio de Toledo, em 380, menciona as igrejas «...in castello, aut vico aut villa...».⁸

Se o cristianismo foi, nos seus primórdios, um fenómeno de difusão essencialmente urbana,⁹ podemos facilmente imaginar a sua introdução nas cidades do Sul da Lusitânia, que desde muito cedo estão representadas pelos seus bispos nos concílios, e, quando do fenómeno de ruralização dos proprietários, tendo alguns aderido à nova religião, estes mesmos a terão levado consigo para os campos. Tendo necessidade de espaços adequados às exigências da sua prática, desde logo os fizeram construir, como outros fizeram construir templos às velhas divindades, templos esses que, como por exem-

plo em Milreu¹⁰, cedo acabaram por ser cristianizados.

RELAÇÕES DA ARQUITECTURA DA CEGONHA COM A ARQUITECTURA COETÂNEA DA BACIA DO MEDITERRÂNIO

De acordo com o que temos vindo a descerver, parece-me que podemos integrar a basílica do Monte da Cegonha num grande grupo de basílicas de três naves e cabeceira tripartida com origem na Síria do Norte. Difundido progressivamente para o Norte de África e daí para o Levante espanhol e Ilhas Baleares e, ao que tudo indica, para a Bética e Lusitânia, este grupo situa-se entre os templos mais antigos da província da Hispania,¹¹ «...dentro desta amplíssima família mediterrânica...».¹² A um

8. FERNÁNDEZ GÓMEZ, F.; SIERRA FERNÁNDEZ, J.; LASSO DE LA VEGA, M^a G., 1987. La Basílica y Necrópolis Paleocristianas de Gerena (Sevilla), in *HNA*, 29, p. 190.

9. PUERTAS TRICAS, *op. cit.*, p. 151.

10. HAUSCHILD, T., 1986. *Arte Visigótica*, em História da Arte em Portugal, vol. I, do Paleolítico à Arte Visigótica (Dir. de Jorge Alarção), Publicações Alfa, Lisboa, p. 153 e legenda à foto 155.

11. PALOL, PEDRO DE, 1967. *Arqueología Cristiana de la España Romana, siglo IV-VI*, CSIC, Madrid-Valladolid, p. 4.

12. Idem, *Ibidem*, p. 5, 6.

nível regional mais restrito, a basílica da Cegonha integra-se «... no grupo peninsular considerado por Palol típico da costa mediterrânica, incluídas as Baleares e que, na Síria é especialmente frequente e que se difunde também pelo Norte de África. Desenvolve-se desde um período muito antigo, a partir do séc. IV, apesar do seu momento de esplendor se situar em pleno séc. V. Apresenta uma evidente unidade tipológica, sendo característica do grupo a sua disposição basilical e a sua cabeceira tripartida fechada no exterior por um muro recto. As naves separadas por colunas ou pilares e a cobertura apoiada sobre arcos. O altar, deante da abside, rodeado de cancelas e nesta o banco presbiterial...».¹³

Em termos gerais de análise formal da planta que estrutura o edifício, parece-nos podermos encontrar paralelos muito aproximados em Gerena, Sevilla.¹⁴ em Son Bou e Son Peretó nas Baleares;¹⁵ em Bobála;¹⁶ no forte bizantino de Timgad, na basílica 4 de Henchir Guesses, na basílica 1 de Henchir Djerouda e nas duas basílicas de Henchir el Abiod, na Argélia¹⁷ e numa série de outras basílicas norte-africanas e peninsulares que não julgamos necessário enumerar ou até mesmo procurar exaustivamente. Não conhecendo, de facto, todos os monumentos do mesmo tipo, em relação àqueles de que nos foi possível tomar conhecimento, podemos notar uma diferença significativa no que respeita às dimensões. A basílica da Cegonha é, comparativamente, muito pequena.

Se situarmos a observação a um nível analítico mais minucioso, acabaremos por detectar toda uma série de pequenas diferenças que fazem com que nenhum paralelo seja uma repetição exacta de outro, embora, em muitos casos, deixem uma forte sensação de *déjà vue* que nos faz, obrigatoriamente, recuar aos arquétipos conhecidos.

Com efeito, em Gerena foi construído um baptistério adossado aos pés da basílica¹⁸ como também aconteceu em Bobála, numa fase avan-

çada de vida do templo, já no séc. IV¹⁹ e em Son Peretó.²⁰

Na Cegonha, não se pode dizer que tenha existido um baptistério fora do corpo principal da basílica. Os anexos a Norte não no-lo mostram, antes devem ter servido como nartex ou antecâmara de acesso ao interior, à semelhança do que acontece em Son Bou.²¹ Aqui, o único baptistério existente no momento da escavação, instalou-se na sacristia Sul, em nosso entender, em época tardia, como aconteceu em Bobála. Esta localização, conforme se pode verificar pelas plantas de outras basílicas e como diz Lassus,²² é perfeitamente aleatória, sendo que os baptistérios se podem encontrar «...em qualquer sítio – atrás da abside, no mesmo eixo, e então ele está incorporado no monumento (Sbeitla, Mactar). Na sacristia Norte (Belalis), a Norte desta sacristia... Apenas algumas vezes ele se isola e toma um aspecto mais ou menos monumental...».

Ao contrário do que é mais comum nos templos norte-africanos e em muitos dos templos do Sul peninsular, nos quais o altar se localiza na nave central, diante da abside, rodeado por cancelas, no último estádio do Monte da Cegonha o altar localizava-se no interior da abside como em Es Fornás de Torrelló,²³ num espaço que, em outras basílicas, era ocupado pela cadeira episcopal.

EVOLUÇÃO INTERNA DA BASÍLICA DO MONTE DA CEGONHA

O monumento manteve a mesma estrutura básica desde a sua construção, no séc. IV. Com as suas três naves e a cabeceira recta tripartida, assentes em fortes alicerces de alvenaria de pedra. Contudo, ao longo dos cerca de quatro séculos de utilização como edifício de culto, foram várias as modificações e adaptações por que passou, numa dinâmica que podemos inferir a partir da observação e análise da evidência arqueológica e da observação dos paralelos que, entretanto, fomos buscando. Esta vida da estrutura foi certamente impulsionada por factores de natureza variada, desde a conservação do edifício, à moda e aos imperativos do culto que, também ele, foi como ainda hoje é uma realidade em movimento.

13. FERNÁNDEZ GÓMEZ, *et al. op. cit.* p. 186.

14. *Ibidem.*

15. PALOL, *op. cit.*; PALOL, P. 1989. La Arqueología Cristiana en la Hispania Romana y Visigoda, in *Actes du XI Congrès International d'Archéologie Chrétienne*, École Française de Rome, vol. III. Roma, pp. 1975-2027.

16. PITA, R. e PALOL, P. 1969 (1972). La Basílica de Bobalá y su Mobiliario Litúrgico, in *Actas do VIII CIAC*, Barcelona, pp. 383-401.

17. FÉVRIER, P.A., 1969 (1972), Travaux et Découvertes en Algérie, in *Actas do VIII CIAC*, Barcelona, pp. 299-324.

18. FERNÁNDEZ GÓMEZ, *et al. op. cit.*, p. 112.

19. PITA e PALOL, *op. cit.*, p. 392.

20. PALOL, 1967, *op. cit.* p. 10.

21. *Idem, Ibidem*, p. 16.

22. LASSUS, J., 1969 (1972), Questions de l'Architecture Chrétienne de l'Afrique du Nord, in *Actas do VIII CIAC*, Barcelona, p. 120.

23. PALOL, 1967, *op. cit.*, p. 20.

Da sua primeira fase, além do que já foi dito quanto à estrutura, pouco mais se sabe. Um fragmento do tampo de uma mesa de altar em mármore, com molduras, muito semelhantes à de Es Fornás de Torelló, encontrado reutilizado como parte da cobertura de uma sepultura escavada na nave central, deixa pensar na existência de um altar desde o primeiro momento da vida do templo. Ficamos no entanto sem saber onde se localizava e qual a sua forma exacta nesse momento apesar de Palol²⁴ datar este tipo de mesas de altar no séc. v. A análise da estratigrafia, no espaço entre o pavimento de *opus signinum* da basílica e a cobertura da sepultura que acabámos de referir, permite-nos afirmar que, nessa primeira fase, não houve enterramentos na basílica já que, os níveis abaixo do pavimento (que estava, pelo menos, ao nível do actual) foram perfurados para introdução das sepulturas que vão aproveitar os espaços entre os muros de fundação para se instalarem.

Numa segunda fase, que se deve ter prolongado até finais do séc. vi, a basílica foi utilizada como necrópole. Terá sido por finais deste século que se procedeu às grandes remodelações que deram ao monumento a forma com que chegou até nós. As disposições dos cânones saídos do Concílio de Braga em 572 e a suposição da sua rápida difusão e aceitação, levam-nos a colocar esta grande última transformação no último quartel do séc. vi. A proibição dos enterramentos no interior dos templos justifica o fim da utilização do espaço como necrópole e o lançamento de um novo pavimento, uniforme, que tudo cobre. Sob este pavimento ficam então todas as sepulturas, nas naves e o relicário na abside. Este ficava completamente escondido pelo pavimento e, por cima estava a mesa do altar, da qual pensamos ter encontrado os vestígios já descritos.

No mesmo momento, colocam-se as colunas nas divisórias das naves e as colunas que, conjuntamente com as pilastras a que estavam adossadas, suportavam o arco triunfal. Estas colunas, pelo menos as de separação das naves, não são novidade na estrutura da basílica²⁵ uma vez que é inquestionável a existência anterior das fundações que as suportavam e que serviram para delimitar os espaços das sepulturas na fase anterior.

Também o baptistério se instala na fase de que

24. *Ibidem*, p. 183.

25. É claro que não sabemos se, no lugar destas, existiam outras ou as mesmas ou se, em vez de colunas, existiam pilastras. O que está, contudo, fora de questão é que a estrutura da planta, na forma como organizava o espaço, era sensivelmente a mesma.

temos vindo a falar, ocupando a sacristia Sul. O aproveitamento deste espaço para a sua instalação é considerado por P. de Palol um indicador de cronologia tardia «...já dentro do séc. vi...»²⁶ reforçando mais adiante que devem colocar-se «...muito para finais do séc. iv...»²⁷ Por outro lado, a pequena dimensão da piscina baptismal e a sua colocação a uma cota superior à do pavimento podem também reforçar a ideia, podendo documentar a transformação da liturgia do baptismo, forçada pelo facto de a maioria dos catecúmenos passarem a ser crianças e de a submersão deixar de ser necessária, passando a ser suficiente a aspersão.

Depois das grandes obras a que aludimos nos parágrafos anteriores, apenas foram introduzidas pequenas alterações evidentes no fecho da comunicação das sacristias com as naves laterais e do possível fecho do primeiro tramo do lado da cabeceira. Estas transformações talvez se justifiquem pela introdução de uma nova estética arquitectónica que, a partir do séc. vii e pelo séc. viii, terá difundido as plantas cruciformes. Fechando as sacristias consegue-se uma cabeceria com uma só abside e, fechando o primeiro tramo do lado da cabeceira, deixando a secção da nave central livre, consegue-se um falso transepto. Esta operação, otimizando as estruturas existentes e sem implicar um grande investimento, terá permitido a actualização da basílica do Monte da Cegonha e o acompanhamento das novas correntes estéticas, sob a influência dos centros urbanos próximos que, ao mesmo tempo que mantinham alguma vitalidade económica e importância administrativa, devem ter constituído polos de irradiação cultural por toda a Alta Idade Média.

CONCLUSÕES

Para terminar queremos apenas sintetizar, nas suas linhas gerais, as principais fases da evolução da basílica do Monte da Cegonha e que são fundamentalmente quatro:

Fase I. Corresponde ao momento da construção da *villa* tardo-romana, no séc. iv. Nesta fase, o edifício de culto devia ser apenas uma espécie de capela ou oratório do proprietário.

Fase II. Provavelmente ainda no séc. iv e até finais do vi, a basílica passou a ter, também, uma função funerária, passando então, muito prova-

26. PALOL, 1967, *op. cit.*, p. 161.

27. *Ibidem*, p. 175.

velmente, a desempenhar o papel de igreja paroquial.

Fase III. No último quartel do séc. VI, o edifício perdeu a sua serventia funerária, colocou-se um novo pavimento, um novo altar, um baptistério, um relicário e reformou-se o interior.

Fase IV. Por finais do séc. VII ou já no VIII, introduziram-se alterações na planta interior, de forma a conseguir um local mais de acordo com as novas formas de construir os espaços sagrados.

A invasão muçulmana não determinou o abandono do sítio nem lhe impôs alterações significativas a nível formal e nada, no que respeita à planta, se modificou no decurso desse período.

A cronologia que atribuimos à construção da

basílica, coloca-nos perante um dos primeiros templos cristãos da Península Ibérica e, à semelhança do que já era sabido para basílicas mais recentes como as de Torre de Palma ou Casa Herrera, também neste período mais antigo de introdução do cristianismo na Hispania, os modelos foram importados do Norte de África, onde chegaram muito rapidamente depois de uma migração das longínquas terras da Síria do Norte.

Considerando os exemplos da Cegonha ou de Gerena, podemos mesmo afirmar que aquele que tradicionalmente se chamou o grupo baleárico e levantino de basílicas tem um âmbito geográfico mais alargado que se estende à Andaluzia e ao Sul de Portugal.